

**ABELARDO ZALUAR**  
RIGOR E EMOÇÃO

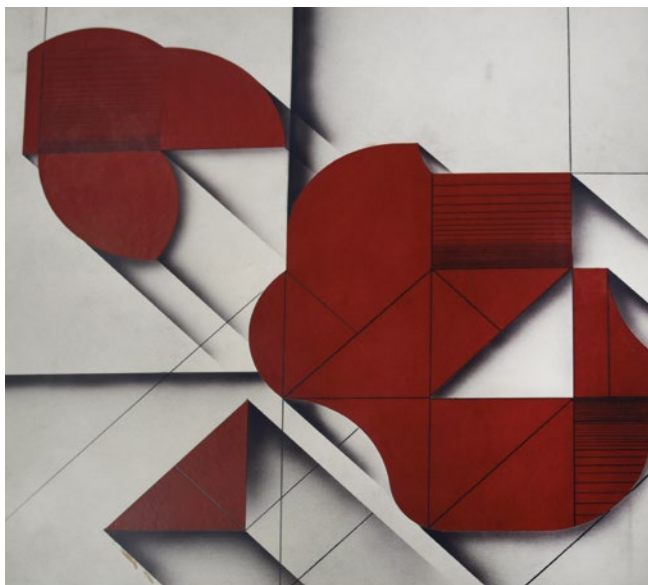


**ARTE** 132

**DANIELIAN**  
G A L E R I A

---

*Open Shape in Red* - 1970  
Acrílica, vinil, grafito sobre eucatex  
95 x 95 cm



---

*Open Shape in Yellow* - 1970  
Acrílica, vinil, grafito sobre eucatex  
95 x 95 cm



---

*Oratório (Arco duplo)* – 1973  
Acrílica, grafite e cartão sobre eucatex  
70 x 70 cm

*Sem título* - 1975  
Vinil e grafite sobre eucatex  
48 x 58 cm

*Fragmento* - 1971  
Vinil, grafite e cartão sobre madeira  
35 x 70 cm

*Triptico das Pontas Roxas* – 1972  
Vinil, grafite e cartão sobre eucatex  
47,5 x 144,5 cm

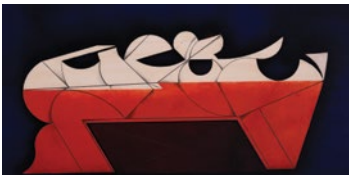


Nessa exposição a Arte 132 une-se à Danielian Galeria de Arte, sediada no Rio de Janeiro, para trazer ao público paulista um conjunto de obras do fluminense Abelardo Zaluar. Uma parceria que é especialmente auspiciosa para o circuito cultural pelo fato das duas galerias se caracterizarem por desenvolver um trabalho que transcende o aspecto comercial, realizado através de ações institucionais apoiadas em séria pesquisa.

Autor de uma obra geométrico-abstrata singular, Abelardo Zaluar, desde os anos 1950, até seu falecimento, na década de 1980, mereceu o reconhecimento de alguns dos mais importantes críticos de arte do período, como Frederico Morais, Quirino Campofiorito, Clarival Valadares, Walmir Ayala, Jayme Maurício e Roberto Pontual, entre outros. Entretanto, a partir do final dos anos 1990, a crítica brasileira passou a dar importância quase exclusiva aos integrantes dos grupos concreto e neoconcreto, relegando a segundo plano outros representantes do abstracionismo geométrico. Sem negar a importância desses grupos observamos que essa opção é restritiva, excluindo artistas de qualidade.



Apesar de sempre ter participado ativamente do circuito cultural, Zaluar nunca se filiou a nenhuma corrente, e abraçou o abstracionismo geométrico de uma forma tão particular que o tornou sua obra única. Entre as singularidades de seu trabalho está a incorporação das linhas do barroco à geometria, aliando emoção e rigor. Zaluar foi também um importante professor de arte. Foi diretor técnico da Escolinha de Arte do Brasil e ensinou na Escola Nacional de Belas Artes de 1958 até 1968, quando foi incluído numa lista de expurgo da ditadura militar e teve que deixar seu cargo. Passou então a dar aulas em seu ateliê formando toda uma geração de artistas cariocas e fluminenses, que até hoje o reverenciam como um grande mestre. Reintegrado à Escola na década de 1980, logo se aposentou. Sua obra figura em acervos de instituições como o MNBA-RJ, MAM-SP, MAM-RJ, MAC-Niterói e MASP-SP.



Abelardo Zaluar nasceu em Niterói em 1924. Seu pai era cartógrafo e o artista herdou seus compassos de precisão e a técnica que ele usava para fazer as grandes superfícies coloridas de seus mapas. Nunca teve nenhuma dúvida sobre que profissão seguir e desde pequeno dizia que seria pintor. Ingressou na Escola Nacional de Belas Artes aos vinte anos, momento no qual havia um tímido início de mudanças no ensino, até então renhidamente acadêmico. Era recente a criação da Divisão Moderna da ENBA (1941) e a produção artística da época inseria-se no movimento conhecido internacionalmente como Retorno à Ordem. A temática social predominava e os artistas pintavam um país que já não era aquele idealizado pelos primeiros modernistas - era um Brasil simplório, e bem mais real. Os temas preferidos eram paisagens de subúrbio e imagens de pessoas do povo, retratadas de maneira lírica, um pouco estilizada, beirando o cubismo. Os primeiros trabalhos de Zaluar refletem essa orientação, e sua primeira exposição individual, com aquarelas, foi apresentada em 1947, no Museu Nacional de Belas Artes, sendo bem recebida pela crítica.



O ano de 1945 marcou o fim da Segunda Guerra, e do Estado Novo de Vargas, dando início a um momento de democratização e modernização do Brasil. Acabado o período de isolamento da Europa, de falta de informações e de material de trabalho, os artistas brasileiros descobriram que o mundo que surgia das cinzas, apostava numa outra arte: o abstracionismo. O ENBA, que mal havia absorvido o modernismo, as reações foram enormes

*Lâminas Iluminadas* - 1972  
Acrílica, grafite e cartão sobre madeira  
70 x 70 cm

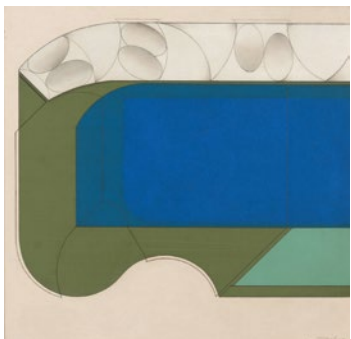
*Progressivo* - 1977  
Óleo e grafite sobre eucatex  
70 x 70 cm

*Lance* - 1977  
Acrílica e grafite sobre aglomerado de madeira  
50 x 50 cm



e contrárias ao movimento, e na cena artística brasileira se desencadeou a luta da figuração contra a abstração. Essa situação seria mudada com o aparecimento de uma nova geração de críticos, como Mário Pedrosa, e, com o intercâmbio proporcionado pelos novos museus de arte moderna: Museu de Arte de São Paulo (1947), Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (1948), Museu de Arte Moderna de São Paulo (1948) e, principalmente, a Bienal Internacional, a partir de 1951.

A abstração trazia para os artistas uma completa libertação da figura e a independência do real, e era de fato uma mudança radical da forma de pensar a arte. Entre 1954 e 1960 Zaluar começa a se desligar da figura, geometrizando e simplificando as imagens, e faz isso em aquarela, óleo e desenho. A maior parte de sua participação em exposições é feita com desenhos, e ele recebe alguns dos principais prêmios da época como o Certificado de Isonção do Júri no VII Salão Nacional de Arte Moderna, RJ, o I Prêmio de Desenho no Salão do Mar e o I Prêmio na categoria Desenho, do Prêmio Leirner, Galeria das Folhas, São Paulo/SP. Por ocasião da exposição na Galeria Folhas, em 1959, escreveu o crítico Quirino Campofiorito: *"Do figurativismo evoluiu para o total abstracionismo, como a flor passa a fruto (...) correndo a vista por toda a sua obra, mesmo desde suas etapas iniciantes, ganha-se a convicção de que Zaluar jamais recua, jamais desvia, jamais duvida de seu caminho."*



Nesse período Zaluar trabalha com espaços desenhados em traços ágeis, a bico de pena, marcando os volumes com traços fortes, quase pinceladas. A progressiva diluição da figura se segue no guache, na aquarela, e no óleo. Em 1963 Zaluar recebe o Prêmio de Viagem ao Exterior do XII Salão Nacional de Arte Moderna, e viaja em maio de 1964 para a Europa, onde permanece por dois anos. Nesse período o artista desenha mais do que pinta, e recebe forte influência do tachismo, produzindo trabalhos que foram expostos em Lisboa, Roma e em Cannes, integrando o grupo de artistas brasileiros que residia na Europa, entre eles, Krajcberg, Cícero Dias e Rossini Perez.

De volta ao Brasil, começa a desenvolver um trabalho construtivo e original. Dono de um apuro técnico excepcional realizou uma obra sutil e reflexiva, na qual tratava especialmente das questões da forma, da cor, do equilíbrio, e onde conseguia harmonizar contradições. Nas palavras do crítico Jayme Maurício:

*Vigorosa e sedutora sedução entre disciplina e liberdade. À seriedade do dinamismo das estruturas Zaluar opõe o humor de um quase jogo que atrai logo à primeira vista. Surge como um problema, como uma incógnita: aguça a curiosidade, leva à indagação e só pouco a pouco deixa-se desvendar. Une-se o geométrico ao lúdico, o rígido ao flexível e o abstrato ao sensual, quase erótico.*

No seu retorno ao país, Zaluar começa a visitar com regularidade as cidades mineiras, e descobre a arquitetura barroca, o que se reflete no seu trabalho, sobre o qual ele dizia:

*Minha geometria esta impregnada de 'existências', ela é evocativa, sem perder sua feição de abstrata. Atende a aproximações intencionais de ritmos estilísticos ornamentais, arquitetônicos, em que o sentimento do barroco reflete com maior ênfase o meu entu siasmo pelo nosso colonial, com seu ritmo espacial e os arabescos de seus perfis, ordem e sensualidade, calculado e fantasista, previsão e improviso.*



---

*Divisa* - 1977  
Vinil sobre eucatex  
50 x 50 cm

*Astral Ocre* - 1976  
Acrílica sobre madeira  
70 x 70 cm

*Refletido* - 1974  
Acrílica, grafite e cartão sobre madeira  
70 x 70 cm



Zaluar via a realização de cada quadro como uma aventura e uma descoberta: *"Há muito tempo utilizo o quadrado perfeito como formato inicial: os tamanhos é que variam. As formas geométricas que produzo dentro dele não representam um exercício puramente mental e de adestramento repetitivo. Suas articulações surgem de vontades impregnadas de impulsos e vibrações de várias naturezas: ora sou austero, ora lírico, ora lúcido, ora sensual, ora mental, assim por diante."*

Na década de 1970 Zaluar utiliza-se da colagem, incorporando o "tromepe oeil" ao seu trabalho: *"Em algumas obras uso o falso relevo, a ilusão tridimensional, que surgiu como uma decorrência natural. Quando utilizo duas superfícies superpostas, ao aplicar uma sobre a outra, ofereceu-se uma dupla opção: confundi-las no mesmo plano ou frisar suas duas existências. Achei que a segunda opção me oferecia maior ampliação dos recursos formais. Adotei-a ao realizar um sombreado sobre o fundo - propositadamente convencional - de forma a alcançar uma ilusão de profundidade."*



Frederico Moraes foi o crítico que mais escreveu sobre o artista, acompanhando toda a sua carreira, em 1975 ele organizou no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro uma extensa exposição retrospectiva, acompanhada de bem cuidado catálogo, no qual fazia uma longa análise da obra de Zaluar, e uma seleção de extratos de textos críticos.

Em 1984 o Museu Nacional de Belas Artes realizou nova retrospectiva de Zaluar enfatizando sua produção de 1974 a 1984. Na mostra ficava clara a mudança da sua obra agora com grande predomínio da cor e uma maior leveza e liberdade na construção. Em franca ascensão criativa, convidado para exposições nacionais e internacionais, o artista faleceu subitamente, em 1987, num acidente de automóvel.

O conjunto de obras aqui apresentadas evidencia o processo criativo de Zaluar e a hibridação de técnicas que marca sua trajetória, na qual ele utilizava, sem hierarquia, giz de cera, óleo, acrílica e colagem. Sempre manteve intacta a presença do grafite e do traço, como um lastro - mesmo em meio à progressiva irrupção da cor, como bem observa Frederico Moraes em texto sobre a exposição de 1975.



*"Há momentos em que o quadro dá a impressão de inflar-se como que dobrado ao peso da cor. A linha insiste em não sair de cena. Se desaparece como grafismo ou traço, ressurgiu como barra ou friso, por vezes fazendo o papel de alavanca ou cunha em relação aos planos de cor. Outras vezes, é puramente virtual, surgindo da junção de dois planos-quadros, no ponto de articulação dos dípticos. Finalmente, se as curvas desaparecem de sua pintura atual, os planos como que se curvam, formando arcos ou cantos virtuais em arquiteturas ou cenários imaginários."*

A originalidade da produção de Abelardo Zaluar é, ao mesmo tempo, a sua maior qualidade e o motivo do seu apagamento, seu trabalho não tem par, não se encaixa nas gavetas da crítica de arte, até agora disponíveis, mas oferece ao espectador uma dupla fruição, uma mescla rara de rigor e emoção.

## Arte132 galeria

### Curadoria

Denise Mattar

### Organização e produção

Letissa Kanawati

Suzana Mendes

### Comunicação

Suzana Mendes

### Identidade visual e folder

Claudio Novaes conceito/design/direção

### Fotografia

Everton Ballardin

Danielian galeria

### Montagem da exposição

Carlos Pimentel

### Impressão

Stilgraf

### Assessoria de imprensa

A4&Holofote

a4 & holofote  
C O M U N I C A Ç Ã O

---

Esta edição foi realizada por ocasião da exposição **Abelardo Zaluar** na Arte132, em parceria com Danielian galeria, durante os dias 13 de agosto e 24 de setembro de 2022

---

ARTE 132

Av. Juriti 132  
Moema São Paulo SP  
Brasil CEP 04520-000  
Tel.: + 55 11 5054-0357  
contato@arte132.com.br  
www.arte132.com.br  
instagram: @arte132galeria  
facebook: /arte132galeria

Segunda a sexta das 14h00 às 19h00

Sábado das 11h00 às 17h00

DANIELIAN  
G A L E R I A

Rua Major Rubens Vaz 414  
Gávea Rio de Janeiro RJ  
Brasil CEP 22470-070  
Tel.: + 55 21 25224796  
contato@danielian.com.br